

Recordações do escrívão Isaías Caminha: a tomada de consciência de uma invisibilidade insuspeita

Ana Cláudia Costa Fontana¹

Miguel Sanches Neto²

Resumo: O romance de Lima Barreto *Recordações do escrívão Isaías Caminha* traz a representação da experiência de uma personagem mulata que, no século XX, vive à margem de uma sociedade que não a reconhece como pessoa. Deslocada de seu ambiente de origem, o narrador-personagem vai, aos poucos, tomando consciência de sua invisibilidade e compreendendo que a exclusão a que é submetido justifica-se pela cor da sua pele. A obra deseja comprovar a inexistência de um determinismo biológico que justifique a falta de êxito dos negros nos mais variados campos e, em contrapartida, quer apresentar a tese de que tal insucesso se deve à má vontade das pessoas em geral em reconhecer os valores que os negros possuem. As considerações feitas sobre o romance estão embasadas nos estudos teóricos de Appiah (1997), Hall (2003, 2011) e Munanga (2006), que discutem questões identitárias relacionadas à raça e à marginalização.

Palavras-chave: Recordações do escrívão Isaías Caminha. Invisibilidade. Determinismo social.

“...não podemos esquecer como a vida cultural, sobretudo no Ocidente e também em outras partes,

¹ Mestranda em Linguagem, Identidade e Subjetividade. UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa). E-mail: costafontana@gmail.com

² Professor Associado: Programa de Pós-Graduação – Mestrado em Linguagem, Identidade e Subjetividade e Departamento de Letras Vernáculas. UEPG (Universidade Estadual de Ponta Grossa). E-mail: msanchesnt@gmail.com

Revista Língua & Literatura	Fredererico Westphalen	v. 15	n. 24	p. 13 - 29	Recebido em: 10 maio 2013. Aprovado em: 05 ago. 2013.
-----------------------------	------------------------	-------	-------	------------	--

*tem sido transformada em nossa época
pelas vozes das margens.”*
Stuart Hall, “*Que ‘negro’ é esse na cultura negra?*”

Kabengele Munanga, autor de *Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade nacional versus identidade negra*, em palestra proferida no I Colóquio de Literatura e História da África, na Universidade Federal de Juiz de Fora, no final de 2005, fala sobre a construção da identidade negra no contexto da globalização. A princípio, faz uma longa introdução, em que trata das dificuldades concernentes ao tema das identidades, o que, segundo ele, é para os indivíduos “a fonte de sentido e de experiência.” (MUNANGA, 2006, p. 19). Como sustenta Zygmunt Bauman, no livro *Identidade* - entrevista a Benedetto Vechhi, para o sujeito, hoje em dia, diferentemente do que ocorria no século XIX, é muito difícil responder à pergunta “Quem é você?”, pois:

As identidades ganharam livre curso, e agora caba a cada indivíduo, homem ou mulher, capturá-las em pleno voo, usando os seus próprios recursos e ferramentas. (...) Em nossa época líquido-moderna, em que o indivíduo livremente flutuante, desimpedido, é o herói popular, “estar fixo” – ser “identificado” de modo inflexível e sem alternativa – é algo cada vez mais malvista. (BAUMAN, 2005, p. 35).

Isso pode ser explicado porque, como defende Stuart Hall em seu livro *A Identidade Cultural na Pós-Modernidade*, “as velhas identidades, que por tanto tempo estabilizaram o mundo social, estão em declínio, fazendo surgir novas identidades e fragmentando o indivíduo moderno, até aqui visto como um sujeito unificado” (HALL, 2011, p. 07).

Hoje em dia, é muito natural entender que um mesmo indivíduo pode assumir muitas identidades, o que pode gerar um estado de conflito entre a imagem que ele tem de si e a sua ação como ser social. O problema muitas vezes se instaura quando a identidade que se assume não combina com o padrão identitário que impera nos círculos em que o sujeito transita. Manuel Carneiro da Cunha, em 1985, já defendia em seu *Negros Estrangeiros* que é “pela tomada de consciência das diferenças, e não pelas

Ana Cláudia Costa
Fontana

Miguel Sanchez Neto

14

diferenças em si, que se constrói a identidade.” (CUNHA, 1985, p. 206, apud MUNANGA, 2006, p. 20). Além disso, é sabido que, nas sociedades modernas, impera a dinâmica da organização social em que a ideia de humanidade passa pelas noções de igualdade e liberdade. Essa primeira noção de humanismo moderno (também chamado de humanismo essencialista) é da época do surgimento do homem moderno, que coincide com o sujeito do Iluminismo, ou sujeito cartesiano. Esse sujeito, um ser centrado, que se julga plenamente dotado de razão, tem como traço que o distingue de outros seres é fato de ser um animal racional. Nessa visão, a humanidade era entendida na sua essência como algo natural. Era, por esse tempo, o traço da racionalidade que conferia ao ser humano a identidade genérica que igualava todos os homens.

Foi a partir dessa base conceitual e em meio a esse cenário “iluminado” que as primeiras legislações em defesa dos direitos da humanidade surgiram. No final do século XVIII, tanto a Declaração Universal dos Direitos do Homem, quanto as declarações americanas sinalizavam para a necessidade de se entender que todos os homens nascem igualmente livres e devem ter os mesmos direitos civis. Por outro lado, é claramente sabido que essas declarações funcionam melhor na teoria que na prática. Isso tudo porque o mesmo argumento do primeiro humanismo moderno, o da natureza essencial da humanidade, serviu para o surgimento de uma base discriminatória. Esse argumento desembocou na “perspectiva de uma tirania do universal e o conceito essencialista do homem podia igualmente servir de pretexto para discriminar, do resto da humanidade os indivíduos ou grupos de indivíduos que não correspondessem a uma identidade específica e para excluí-los, em direitos e em fatos, da humanidade plena e inteira.” (MUNANGA, 2006, p. 22-23)

A contradição maior nisso tudo foi que os mesmos países que apoiaram o ideal da igualdade, da liberdade e da fraternidade, que se tornou a base das leis dos direitos humanos, como a França, por exemplo, conviveram sem maiores dramas com a escravidão em suas colônias até meados do século XIX. Essa contradição poderia ser justificada, então, por uma revisão daquela afirmação universalista da identidade intrínseca da humanidade.

Não foi muito difícil substituir aquela primeira convicção por outra, que passou a conceber a identidade como diversificada. Munanga (2006, p. 23–24) apresenta essa revisão: “existe certo, uma identidade humana, mas esta identidade é sempre diversificada, segundo os modos de existência ou de representação, as maneiras de pensar, de julgar, de sentir próprias às comunidades culturais, de língua, de sexo, às quais pertencem os indivíduos e que são irredutíveis às outras comunidades”.

Essa ruptura com a visão moderna de conceber a identidade passou a impor uma espécie de modelo referencial para se pensar a identidade a partir do modelo do homem branco ocidental, o que, automaticamente exclui desse enquadramento aqueles que são incompatíveis com esse padrão. Isso foi um fator de desumanização, de exclusão das minorias. Uma tentativa de amenizar esse movimento alienante foi resgatar o princípio aristotélico, segundo o qual todo ser humano é animal político. Alargando esse conceito, sem se afastar de sua essência, não é possível esquecer que é o sentimento de pertença a uma comunidade que define o homem como esse animal político. Comunidade essa em que ele se reconhece e que também o reconhece como um membro.

Mas hoje, segundo Munanga, o que se coloca como fundamental é saber o que essa representação democrática de identidade deve fazer a respeito da diferença: abstrai-la das noções de identidade? Ou integrá-la no quadro de uma identidade diferenciada, diversificada, ou ainda, múltipla? O autor ainda alerta que, se tal integração não ocorrer, metade da humanidade não terá condições de se reconhecer pelo fato de seus representantes se constituírem exatamente daquilo que não cabe no protótipo identitário. Todavia, se a lei almeja igualar a todos, naturalmente, faz a abstração da diferença. Assim, é certo que acaba tratando de forma igualitária aquilo que é por natureza diferente, o que, muitas vezes, vai acentuar ainda mais as diferenças, excluindo aqueles que não se veem representados. Isso piora ainda mais, quando a diferença vem marcada na cor da pele, o que não se pode esconder facilmente.

Stuart Hall em *Que “negro” é esse na cultura negra?* alerta sobre o quão perigosa pode ser uma atitude como essa.

O momento essencializante é fraco porque naturaliza e des-historiciza a diferença, confunde o que é histórico e cultural com o que é natural, biológico e genético. No momento em que o significante “negro” é arrancado de seu encaixe histórico, cultural e político, e é alojado em uma categoria racial biologicamente constituída, valorizamos, pela inversão, a própria base do racismo que estamos tentando desconstruir. (destaque do autor) (HALL, 2003, p. 345).

No estudo apresentado por Munanga em sua palestra, revela-se que o quadro econômico dos afro-americanos é bem mais desanimador nos anos 90 do que nos anos 60 já que esses não conseguiram ascender socialmente e, passados trinta anos, se encontravam num estado de pobreza bem maior que no passado. Muitos pesquisadores concordaram com as causas desse cenário e entre elas se encontram: a “segregação racial” e a “má política dos poderes públicos”. É claro que esses dois motivos estão relacionados a fatores históricos e são incompatíveis com aqueles ideais do século XVIII, segundo os quais, todos os homens nascem livres. Como fizeram os Estados Unidos para driblar suas próprias declarações de direitos humanos pautadas na igualdade de todos os seres humanos e fundamentar sua economia numa base de escravidão? Para isso, não havia outro recurso, senão negar a humanidade dos negros: “só os únicos não-humanos podiam ser privados da liberdade numa sociedade fundada no princípio de que *‘todos os homens nascem iguais’*”. (MUNANGA, 2006, p. 35 – destaque do autor). Foi dessa forma que a raça negra ganhou seu traço cultural mais marcante na visão de Cornel West: sua invisibilidade e seu anonimato.

Embora não haja dados específicos à mão sobre os negros brasileiros e sua colocação em classes sociais, é possível buscar na literatura uma tentativa de resposta para essa lacuna. O estudo que Regina Dalcastagnè apresenta em *Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea* revela que o fato de a população negra estar ausente da literatura brasileira contemporânea pode ser porque “séculos de racismo estrutural a afastam dos espaços de poder e de produção de discurso.” (DALCASTAGNÈ, 2008, p. 87). Ora, esse silenciamento pode ser entendido como uma materialização da invisibilidade.

Segundo a autora, ou a população negra não aparece na produção literária contemporânea, ou aparece de forma estereotipada, representando, em sua maioria, a classe pobre. Ela ainda afirma que as principais funções que as personagens negras exercem nos romances contemporâneos são dona de casa (personagens femininas) e bandido ou contraventor (personagens masculinas). E esse estereótipo, muitas vezes, aparece na narrativa como um recurso que garante fácil aproximação com o leitor, que já conhece aquelas formas de preconceito, as quais acabarão sendo preservadas na sociedade brasileira, porque o discurso artístico acaba legitimando o racismo. Assim, o círculo vicioso vai sendo perpetuado, sem questionamentos, como se esse procedimento fosse o único possível.

Foi assim com os romances naturalistas no século XIX. Nessas narrativas, os traços fenotípicos selecionados forçam a representação de personagens afrodescendentes que “repetindo imagens estereotipadas, forjam relações intrínsecas entre fenotípia, caráter e sexualidade ou fenotípia e qualidades psicológicas.” (SOUZA, 2008, p. 104). Mas é um erro supor que foi o Naturalismo que inaugurou essa tendência, a qual já fora amplamente usada no Romantismo e até muito antes disso, quando o poeta barroco Gregório de Matos a experimentara em sua hierarquização da mulher a partir da sua cor. Não são poucos os exemplos de textos literários que mostram como esse determinismo da raça é forte na constituição das personagens.

Mas, na contramão dessa tendência, apareceu o escritor Lima Barreto, com o romance *Recordações do escrivo Isaias Caminha*. A temática, segundo o que já disseram muitos estudiosos, gira em torno dos problemas ocasionados pelo preconceito racial e pela hipocrisia de uma sociedade aristocrática. Isso, todavia, já tinha sido retratado por textos do Realismo. O texto de Barreto, embora nesse aspecto possa parecer continuidade do que já fizera Machado de Assis e alguns naturalistas, vai apresentar que, muito mais impositivo que um suposto determinismo genético, há sim, um determinismo social que reserva aos negros a fatalidade de um destino de insucessos.

E é justamente contra todo esse destino de insucessos que o romance se levanta, materializando-se pela voz do próprio mar-

ginalizado. Isaías não é só o narrador-personagem que conta as dificuldades por que passa numa sociedade que não o considera, simplesmente porque nem o vê. Trata-se de um representante desses marginalizados, que surge da tomada de consciência dos atos discriminatórios que não só ele, mas todos de nascimento similar ao seu sofrem. Isso porque Isaías se compadece dessa densa camada de marginalizados e é com eles que acaba se identificando em algumas passagens emblemáticas do romance, como a experiência que viveu na delegacia quando teve que responder pela acusação de furto no hotel em que morava no Rio de Janeiro.

Isaías, filho de uma relação casual da mãe, uma mulata de pouquíssima instrução, com um vigário muito instruído, via na inteligência do pai um estímulo para estudar e se tornar culto. O menino de infância pobre julgava que era o saber que diferenciava as pessoas e lhes tirava da tristeza e humildade. Com tais pensamentos, entrou para a escola e se dedicou com afincos aos estudos para buscar fugir da ignorância de que a mãe não pôde fugir. Sempre se destacava nos estudos e foi se tornando um menino diferente dos outros, para quem brincar e se divertir era um luxo a que não poderia se entregar. Sentia-se predestinado à glória, impulsionado pela afeição que a professora primária lhe devotou e pelo presente que recebeu dela: um livro cujo título era *Poder da Vontade*, o qual se tornou sua leitura mais constante. Até concluir os estudos secundários, Isaías não perdeu a pose de bom aluno e a voz que o impulsionava à grandeza continuava a lhe apontar o caminho de sucesso que o esperava. Nesse momento, se viu tentado a sair do interior e buscar a capital do Império, almejando virar doutor. A voz não o advertiu sobre as dificuldades que poderia enfrentar, foi sua consciência que anteviu as agruras por que iria passar na cidade grande: “Que faria lá, só, a contar com as minhas próprias forças? Nada... Havia de ser como uma palha no rodadoiro da vida — levado daqui, tocado para ali, final engolido no sorvedouro... ladrão... bêbado... tísico e quem sabe mais? Hesitava.” (BARRETO, 1997, p. 41)

Mas a descoberta de que um velho conhecido seu, de inteligência duvidosa, se dava bem no Rio de Janeiro fizera o rapaz se decidir afinal e o tio Valentim, aprovando sua decisão, buscou com o coronel Belmiro uma recomendação ao deputado Castro

para que conseguisse uma colocação para Isaías. Embora o tio e o sobrinho entendessem que a carta redigida pelo coronel fosse suficiente apresentação do rapaz ao mundo de glórias com que ele sempre sonhou, já se pode supor que isso não viria a acontecer. Os comentários entre o fazendeiro e Valentim sobre os modos como o deputado se elegera levantavam dúvidas sobre sua índole. Mas, com a carta na mão, Isaías sentiu-se reconfortado e passou a ver na possibilidade de tornar-se doutor o modo de se penitenciar pelo pecado do seu nascimento e amainar o suplício de sua cor. O diploma seria como uma proteção, de modo que pudesse suportar o cativoiro disfarçado de toda gente de sua raça.

Ana Cláudia Costa
Fontana

Miguel Sanchez Neto

20

Ah! Seria doutor! Resgataria o pecado original do meu nascimento humilde, amaciaria o suplício premente, cruciante e onímodo de minha cor... Nas dobras do pergaminho da carta, traria presa a consideração de toda a gente. Seguro do respeito à minha majestade de homem, andaria com ela mais firme pela vida em fora. Não titubearia, não hesitaria, livremente poderia falar, dizer bem alto os pensamentos que se estorciam no meu cérebro. (BARRETO, 1997, p. 45).

No romance, é a primeira vez que a personagem faz uma referência mais explícita a sua cor, só que até aqui ainda não está totalmente consciente de que isso possa significar um grande peso para ele. Foi durante a viagem para o Rio de Janeiro que ele começou a sentir esse peso. Quando teve fome, resolveu descer em uma das estações para comer um lanche. Nessa ocasião, ao perceber a diferença de tratamento destinado a si e o tratamento destinado a um moço loiro, sentiu muita raiva. Começou a se perceber invisível, mas não pôde suspeitar ainda que essa invisibilidade estivesse relacionada àquilo que o tornava muito mais evidente ante todos os demais: a cor de sua pele.

Servi-me e dei uma pequena nota a pagar. Como se demorassem em trazer-me o troco reclamei: “Oh! fez o caixeiro indignado e em tom desabrido. Que pressa tem você?! Aqui não se rouba, fique sabendo!” Ao mesmo tempo, a meu lado, um rapazola alourado reclamava o dele, que lhe foi prazenteiramente entregue. O contraste feriu-me, e com os olhares que os presentes me lançaram, mais cresceu a minha indignação. Curti, durante segundos, uma raiva muda, e por pouco ela não rebentou em pranto. Trôpego e tonto, embarquei e

tentei decifrar a razão da diferença dos dois tratamentos. Não atinei; em vão passei em revista a minha roupa e a minha pessoa. (...)

Mesmo de rosto, se bem que os meus traços não fossem extraordinariamente regulares, eu não era hediondo nem repugnante. (...)

Além de tudo, eu sentia que a minha fisionomia era animada pelos meus olhos castanhos, que brilhavam doces e ternos nas arcadas superciliares profundas, traço de sagacidade que herdei de meu pai. Demais, a emanação da minha pessoa. Os desprendimentos da minha alma, deviam ser de mansuetude, de timidez e bondade...

Por que seria então, meu Deus? (BARRETO, 1997, p. 49-50).

*Recordações do
escritor isaías
caminha: A tomada
de consciência de
uma invisibilidade
insuspeita*

Na viagem, a personagem vai fazendo uma leitura de si mesma e de sua condição, a partir da paisagem que aprecia. Viu que, num pântano lodoso, insurgia-se uma árvore alta “soberbamente como se o conseguisse pelo esforço de uma vontade própria.” Aqui, na ilusão de que sua capacidade intelectual iria lhe conferir ascensão social, projetou-se na figura esguia do coqueiro e entendeu que estava saindo do lodo, que era a condição miserável em que vivia, para viver no topo da pirâmide depois que recebesse o título tão cobiçado.

Logo que havia se instalado no Rio de Janeiro, as suspeitas de que o deputado não seria capaz de ajudá-lo se confirmam. O rapaz o procurou na Câmara, onde foi barrado e recebeu instruções para procurá-lo em casa. Ele fez inúmeras excursões ao endereço indicado e o deputado nunca fora encontrado. Isaías, por fim, ficou sabendo de endereço alternativo do Dr. Castro e foi exatamente lá que o político foi finalmente encontrado, em companhia da amante. Isaías não pôde comemorar a vitória, pois, apesar de ter terminado a sua peregrinação atrás do deputado, viu terminar também a sua esperança de conseguir emprego com a ajuda daquele.

Se não bastasse essa grande decepção, ainda vai viver um grande infortúnio nesse mesmo dia, o que o fez perceber o quanto a sociedade pode ser cruel com aqueles de sua condição. Ao ouvir, na delegacia, que estava sendo acusado de um roubo simplesmente por ser um “mulatinho”, começou a ter consciência de que carregava consigo um “defeito de nascença” e desabafou:

Não tenho pejo em confessar hoje que quando me ouvi tratado assim, as lágrimas me vieram aos olhos. Eu saíra do colégio, vivera sempre num ambiente artificial de consideração, de respeito, de atenções comigo; a minha sensibilidade, portanto, estava cultivada e tinha uma delicadeza extrema que se ajuntava ao meu orgulho de inteligente e estudioso, para me dar não sei que exaltada representação de mim mesmo, espécie de homem diferente do que era na realidade, ente superior e digno a quem um epíteto daqueles feria como uma bofetada. (BARRETO, 1997, p. 88).

Ana Cláudia Costa
Fontana

Miguel Sanches Neto

22

Antes disso, ele já tinha começado a desconstruir a imagem que tinha de si e começava a desacreditar no seu futuro de “árvore alta”: “Foram de imensa angústia esses meus primeiros dias no Rio de Janeiro. Eu era como uma árvore cuja raiz não encontra mais terra em que se apoie e donde tire vida; era como um molusco que perdeu a concha protetora e que se vê a toda hora esmagado pela menor pressão.” (BARRETO, 1997, p. 70). Não demorou muito para sentir vertigens sem estar nas alturas com que sonhara. Logo teve que se conformar com as alturas baixas a que se via predestinado. Mas o calvário de Isaías estava só começando.

Depois do episódio da delegacia, precisou sair do hotel em que estava hospedado, não conseguiu o emprego em que tinha depositado suas esperanças, o dinheiro estava acabando e ele não tinha amigos “Os meus únicos amigos eram aquelas notas sujas encardidas; eram elas o meu único apoio (...) e quando eu trocava uma delas (...) era como se perdesse um amigo, era como se me separasse de uma pessoa bem amada...” (BARRETO, 1997, p. 69) Só quando chegou ao extremo da miséria, conseguiu um emprego de contínuo no jornal O Globo, por intermédio de um jornalista, o Dr. Ivã Gregoróvitch Rostóloff. Isso ainda não pôs fim a suas dificuldades, mas foi a porta de entrada para um mundo à parte ao que ele vivia, mas em que se verificavam as mesmas relações de interesse e poder com que Isaías se deparava fora do jornal.

No jornal, ele se via realizando as funções mais subalternas, como se fosse um escravo, servindo aqueles que não tinham a inteligência que ele tinha, mas que possuíam o poder que ele nunca

poderia ter. Isaías só começou a ter melhor sorte e teve a chance de exercer funções mais compatíveis com a sua capacidade depois do suicídio do crítico literário Floc. Nessa ocasião, foi a um prostíbulo chamar o diretor do jornal, Loberant, que é a personificação do poder no romance. Foi por intermédio dessa fatalidade que Isaías conseguiu uma aproximação com o poderoso, que passou a dar proteção ao rapaz, com medo de que fosse desmoralizado por aquele funcionário, até então, totalmente invisível para ele. Não foi o mérito de suas qualidades que o “promoveu” no jornal, mas foi o poder da informação que ele detinha que o fez alcançar tal promoção. Apenas depois desse episódio, ele começou a sair da invisibilidade que o escondia até então. O respeito de que ele passou a gozar não veio por merecimento, mas por uma espécie de negociação. Ele não seria capaz de chantagear o chefe, por outro lado, jamais receberia algum crédito de Loberant, se este não se visse moralmente ameaçado pelo que Isaías sabia e que ele julgava que pudesse ser usado contra sua pessoa. A preocupação que franziu a testa do diretor do jornal pôde se justificar como reflexo de sua conduta, porque, se estivesse no lugar de Isaías, certamente, saberia o que fazer com a informação que o destino lhe pusera no colo.

Dois meses antes era simples contínuo, limpava mesas, ia a recados de todos; agora, poderosas autoridades queriam as minhas relações e a minha boa vontade. É toda essa modificação tão imprevisita no meu viver, viera-me do suicídio do Floc. Tendo surpreendido na casa da Rosalina, em plena orgia, o terrível diretor, vexei-o. Nos primeiros dias, ele nada me falou; mas já me olhava mais, *considerava-me*, preocupava-o no seu pensamento. Breve me fez perguntas de boa amizade: donde era eu, que idade tinha, se era casado, etc. (BARRETO, 1997, p. 212 – grifo nosso).

Tanto tempo Isaías trabalhou como contínuo, sem que as pessoas a quem servia pudessem ao menos notar sua presença. Nessa passagem, além da revelação de sua invisibilidade até então, a manifestação do modo apriorístico como essas mesmas pessoas avaliavam “os do seu nascimento”: todos tão iguais, tão determinados geneticamente, de tão grande indolência mental, que não podem reverter tal situação. Na imaginação de Loberant, que se traduz no modelo referencial da “gente mais ou menos letrada”

do Brasil do início do século XX, os negros se enquadram naquela classificação que apontou Munanga como a estratégia americana para não cumprir suas declarações de direitos humanos: os negros são espécie não-humana, a quem nem ao menos é dado o direito de manusear corretamente os talheres.

Ana Cláudia Costa
Fontana

Miguel Sanchez Neto

24

Percebi que o espantava muito o dizer-lhe que tivera mãe, que nascera num ambiente familiar e que me educara. Isso, para ele, era extraordinário. O que me parecia extraordinário nas minhas aventuras, ele achava natural; mas ter eu mãe que me ensinasse a comer com o garfo, isso era excepcional. Só atinei com esse seu íntimo pensamento mais tarde. *Para ele, como para toda a gente mais ou menos letrada do Brasil, os homens e as mulheres do meu nascimento são todos iguais, mais iguais ainda que os cães de suas chácaras.* Os homens são uns malandros, planistas, parlapatões quando aprendem alguma coisa, fósforos dos politicões; as mulheres (a noção aí é mais simples) são naturalmente fêmeas. A indolência mental leva-os a isso e assim também pensava o doutor Loberant. (BARRETO, 1997, p. 212 – grifos nossos).

O romance apresenta um contraste constante entre a imagem que o narrador-personagem tem de si e a imagem que a sociedade tem dele. Isaías Caminha é, na verdade, *alter ego* de Lima Barreto, que viveu na pele drama muito parecido com o da personagem. “O romance acompanha o drama de ser mulato em uma sociedade convicta da superioridade ariana e que tentava esconder a mestiçagem que sempre nos caracterizou como país. É uma história vivida na pele pelo jovem escritor (tinha 24 anos) que não encontrava um lugar social condizente à sua genialidade.” (SANCHES NETO, 2012). No romance, a mãe da personagem, embora de pouquíssima instrução, sabia muito bem disso e tentou adverti-lo ainda bem no começo da narrativa quando os infortúnios do filho não passavam de uma breve antevisão: “Vai, meu filho – disse-me ela afinal! – Adeus!... E não te mostres muito, porque nós...” (BARRETO, 1997, p. 48)

Isaías não seguiu os conselhos da mãe. Mais que isso. Além de se mostrar, ousou tomar a palavra para si e, ao apresentar o seu discurso na forma de suas recordações, virou uma espécie de porta-voz dos marginalizados que, como ele, se não eram vistos, muito mais difícil que fossem ouvidos. Na ousadia de tomar a

palavra, realizou uma espécie de reconhecimento da marginalização a que sempre fora submetido. É assim que o romance foi se apresentando capítulo a capítulo: como uma dolorida tomada de consciência de que a cor de sua pele, embora o tornasse mais evidente diante dos outros, era exatamente o que o deixava invisível nos espaços que frequentava, como se estivesse mimetizado no obscurantismo das relações sociais calcadas na supremacia dos brancos sobre os negros. Caminha tornou-se um representante destes quando desobedeceu aos conselhos maternos. Assim, a literatura de Lima Barreto consegue conferir um discreto vislumbre aos que viviam fadados à marginalização, ao silenciamento e ao anonimato da invisibilidade.

No final da narrativa, enquanto realizava um passeio rural com o chefe e com uma meretriz, Caminha pareceu ter uma última consciência sobre si quando avistou um mato rasteiro com que se identificou. Assim, acabou decidindo pelo retorno à província de que viera. “A má vontade geral, a excomunhão dos outros tinham-me amedrontado, atemorizado, feito adormecer em mim com seu cortejo de grandeza e de força.” (BARRETO, 1997, p. 223). Desse modo se define a trajetória da personagem: da aspiração à grandeza na comparação com a árvore alta, passando pelo início da tomada de consciência sobre a sua condição social e a comparação com a árvore, cujas raízes já não conseguem mais nutrir a planta, até chegar ao final em que, convicto da condição em que a sociedade o colocou, só consegue se comparar a um mato rasteiro.

É justamente aí que está o cerne do romance e isso veio explicado no prefácio, que é uma estratégia de Barreto, fingindo ser Caminha, para apresentar as justificativas pelas quais um suposto não-literato se pôs a escrever suas recordações. Nesse texto, ele justificou que a ideia surgiu quando lera um artigo numa revista nacional com que se deparou por acaso. O artigo em questão falava sobre o determinismo da raça. Na fala do já escrivão:

Nela um dos seus colaboradores fazia multiplicadas considerações desfavoráveis à natureza da inteligência das pessoas do meu nascimento, notando a sua brilhante pujança nas primeiras idades, desmentida mais tarde, na madureza, com a fraqueza dos produtos, quando os havia, ou em regra geral, pela ausência deles.

Depois de tomar conhecimento de conteúdo tão insultuoso, julgou que deveria responder em igual tom, mas reconsiderou, acreditando que melhor seria opor argumentos, que estes sim ficam em pé enquanto as ofensas não destroem, apenas afugentam ou magoam o adversário. Argumentos poderiam levar adeptos de cada lado da questão a chegar a suas próprias considerações. Então começou com uma meticulosa análise de si próprio, de sua trajetória de mulato de tão extraordinários inícios “nos mistérios das letras e das ciências”, com tão excelentes prognósticos de seus professores, mas com um “triste e bastardo fim de escrivão de coletoria de uma localidade esquecida.” Uma diferença tão gritante entre os “belos começos” e os “tristes fins” se levantou e o escrivão chegou a dar razão ao autor da matéria na revista.

Percebeu que até o curso secundário, se não recebeu aplauso ou aprovação por suas manifestações de inteligência e de trabalho, pelo menos também não recebia desaprovação. Era como se fosse “coisa justa” de seu “direito”. Foi da mocidade para a fase adulta que as coisas mudaram. Parecia que na vida estava ocupando um lugar que não era seu, pois foi se deparando com tanta hostilidade, com tanta má vontade, que foi esmorecendo e sentiu fugir-lhe toda vivacidade, inteligência e ânimo que lhe foram comuns até a adolescência. “Cri-me fora de minha sociedade, fora do agrupamento a que tacitamente eu concedia alguma coisa e que em troca me dava também alguma coisa.” (BARRETO, 1997, p. 33). Ele chegou a se sentir realmente como uma farsa, como se a imagem que sempre tivera de si não fosse compatível com o que a sociedade fez dele. Foi aí que a noção de pertencimento a que ele julgava ter direito se esfacelou por completo:

a representação da minha personalidade na minha consciência, se fez outra, ou antes esfacelou-se a que tinha construído.

(...) E foram tantos os casos dos quais essa minha conclusão ressaltava, que resolvi narrar trechos de minha vida, sem reservas nem perifrases, para de algum modo mostrar ao tal autor do artigo, que, sendo verdadeiras as suas observações, a sentença geral que tirava, *não estava em nós, na nossa carne e nosso sangue, mas fora de nós, na sociedade que nos cercava*, as causas de tão feios fins de tão belos começos. (BARRETO, 1997, p. 33-34 –

grifos nossos).

Para concluir a justificativa, ele ainda revelou que a obra que escrevera, longe de ser de ódio, ou de arte, era uma espécie de defesa em nome daqueles que sempre receberam acusações apriorísticas. Tais acusações, baseadas exclusivamente na aparência, tinham uma raiz de explicação na sociedade hostil e castradora e não no indivíduo que era desprovido de tudo e se encontrava isolado, “contra inimigos que o rodeiam, armados da velocidade da bala e da insídia do veneno.” (BARRETO, 1997, p. 34).

No final das contas, como afirma Appiah em *Ilusões de raça*, não há raças, não há nada que comprove a existência delas, nem há nada no mundo que se refira àquilo conhecido como raça, como também não há nada no mundo idêntico ao que se espera que a raça faça para as pessoas. Olhando a história do mundo, pode-se perceber que a única coisa que a raça trouxe para o homem foi muito sofrimento, seja no holocausto, seja pelo que houve com os escravos africanos nas muitas colônias espalhadas pelo globo. O argumento da existência das raças e, mais ainda, o de que umas são superiores a outras, nada mais é do que a tentativa de manter na invisibilidade e longe da possibilidade de poder algumas minorias. Ou seria mais correto dizer: manter caladas algumas “maiorias” compostas por muito sujeitos de quem se espera o completo assujeitamento. Uma das formas de se conseguir esse intento é sustentar o discurso falacioso da incapacidade destes.

Foi contra esse discurso que a narrativa de Barreto se ergueu, para provar que o “determinismo genético”, tão defendido por aqueles que desejam sustentar a incapacidade de algumas raças, não passa de um embuste, de uma estratégia de poder dos grupos que, estando no centro e se julgando modelos identitários referenciais por excelência, não desejam perder uma posição tão confortável quanto esta.

*Recordações do
escritor isaías
caminha: A tomada
de consciência de
uma invisibilidade
insuspeita*

Recordações do escrивão Isaías Caminha: la tomada de consciencia de una invisibilidad insospechada

Ana Cláudia Costa
Fontana

Miguel Sanchez Neto

28

Resumen: La novela de Lima Barreto *Recordações do escrивão Isaías Caminha* trae la representación de la experiencia de un personaje mulato que, en el siglo XX, vive a margen de una sociedad que no lo reconoce como persona. Desplezado de su ambiente de origen, el narrador-personaje va, poco a poco, tomando consciencia de su invisibilidad y comprendiendo que la exclusión a lo que es sometido se justifica por el color de su piel. Se trata de la manifestación de la voz de un excluido socialmente. La obra desea comprobar la inexistencia de un determinismo biológico que justifique la falta de éxito de los negros en los más variados campos y, en contrapartida, desea presentar la tesis de que tal insuceso se debe a la mala gana de las personas en general en reconocer los valores que tienen los negros. Las consideraciones hechas sobre la novela están embasadas en los estudios teóricos de Appiah (1997), Hall (2003, 2011) y Munanga (2006), que discuten cuestiones identitarias relacionadas a la raza y a la marginalización.

Palabras-clave: *Recordações do escrивão Isaías Caminha*. Invisibilidad. Determinismo social.

Referências

APPIAH, Kwame Anthony. Ilusões de raça. In: _____. *Na casa do meu pai: A África na filosofia da cultura*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997. p. 53-76

BARRETO, Lima. *Recordações do escrивão Isaías Caminha*: prefácio de Francisco de Assis Barbosa, Rio de Janeiro: Ediouro, 1997, 224 p.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2005, 110 p.

DALCASTAGNÈ, Regina. Entre silêncios e estereótipos: relações raciais na literatura brasileira contemporânea. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 31. Brasília, p. 87-110, julho-dezembro de 2008.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2011, 102 p.

_____. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Org. Liv Sovik. Belo Horizonte: Editora UFMG, Brasília: Representação da UNESCO no Brasil, 2003.

MUNANGA, Kabengele. Construção da identidade negra no contexto da globalização. In: DELGADO, Ignacio G. (org). *Vozes da África: tópicos sobre identidade negra, literatura e história africanas*. Juiz de Fora: Ed UFJF, 2006.

SANCHES NETO, Miguel. Resenha de Recordações do escrívão Isaías Caminha. Revista *Muitas vozes*, Ponta Grossa, v. 1, n. 1, p. 155–156, 2012.

SOUZA, Florentina. *Gênero e raça na literatura brasileira*. Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea, nº 32. Brasília, p. 103-112, julho-dezembro de 2008.

Recordações do
escrívão isaías
caminha: A tomada
de consciência de
uma invisibilidade
insuspeita
